

# Indicador de Reserva Financeira

**Março de 2017**



## Em meio à crise, brasileiros não conseguem poupar

Em tempos de crise, manter o orçamento equilibrado pode ser um desafio. Há quem consiga, porém, fechar o mês no azul, com sobra de dinheiro. O Indicador de Reserva Financeira mostra que, em fevereiro de 2017, um quinto dos consumidores guardou alguma quantia de dinheiro. Dentro das classes A e B, essa proporção foi maior, de 34,1%. Já nas classes C, D e E, foi de 16,0%. Em média, aqueles que conseguiram poupar guardaram R\$ 414 em fevereiro, sendo que, os consumidores das classes A/B pouparam, em média, R\$ 588 enquanto os das classes C, D e E pouparam R\$ 323, em média. A significativa diferença entre os estratos de renda reflete o fato de que, entre os que ganham menos, os gastos básicos tomam uma parte maior orçamento, deixando pouca margem para a poupança.

Mas é de se observar que, mesmo entre as classes A e B, o número de consumidores que conseguiram guardar dinheiro é baixo. Em contrapartida, a quantidade de consumidores que dizem não ter guardado compõe a grande maioria: de acordo com o indicador, no extrato superior de renda, expressivos 62,5% não conseguiram poupar em fevereiro. Quando se considera as classes C, D e E, o número sobe para 77,6%. No total, 74,3% não conseguiram poupar – no mês anterior, o percentual fora de 79,8%, uma diferença de 5,5 pontos percentuais.

Entre aqueles que não pouparam, a principal justificativa foi a renda baixa, mencionada por 46,0% dos entrevistados. Os imprevistos também se destacaram, citado por 13,3%. Outros 13,3% disseram estar sem renda no momento. Além destes motivos, 8,4% citaram o fato de não conseguirem controlar os gastos; 7,4% citaram a falta de disciplina e 4,4% disseram que gostam de aproveitar o presente e que guardar dinheiro não é sua prioridade. O fator renda é, com efeito, algo que limita a capacidade de poupança do brasileiro: de acordo com o IBGE, o rendimento médio real dos trabalhadores brasileiros foi estimado em R\$ 2.043 no quarto trimestre de 2016. O valor a ser poupado, no entanto, não necessariamente precisa ser elevado. “Aos consumidores de menor renda, mais importante que o valor poupado é o hábito da poupar, que inibe o mau comportamento de gastar mais do que se ganha”, diz Marcela Kawauti, economista chefe do SPC Brasil. “Por outro lado, a mencionada falta de controle e disciplina, bem como a imprevidência com relação ao futuro e supervalorização do presente, são comportamentos que podem, mais cedo ou mais tarde, trazer graves consequências para a vida financeira”, completa.

Mesmo considerando o aspecto conjuntural da crise, esse fato aponta para a baixa inclinação do brasileiro à poupança. A constituição de uma reserva financeira é garantia contra imprevistos, além de um meio para a realização de planos de consumo. O consumidor que, nesses casos, não pode se valer de recursos próprios, tem de recorrer a entidades financeiras, arcando com juros geralmente bastante elevados.

Com efeito, as principais alegações para poupar dizem respeito à segurança contra eventos não previstos e ao consumo. Deixa a desejar, no entanto, a parcela dos que pensam na aposentadoria, um tema crucial nestes tempos. Entre os entrevistados que dizem poupar habitualmente, a maior

parte (32,6%) se diz **motivada** por imprevistos como doenças, mortes e problemas diversos. Há também 28,1% que falam em garantir um futuro melhor para a família e 26,2% que mencionam a reserva para o caso de desemprego. Por sua vez, a realização de sonho de consumo foi citada por 24,0% e 19,9% mencionam a reforma da casa. A lista de finalidades da poupança também inclui viagens, a compra de imóveis, os estudos e até a abertura de negócios. A preocupação com a aposentadoria não é algo que se destaca, citada somente por 13,1% dos que pouparam.

Por que poupar?	fev/17	mar/17
Imprevistos com doença, mortes, problemas diversos	34,9%	<b>32,6%</b>
Garantir um futuro melhor para a família	26,6%	<b>28,1%</b>
Reserva para o caso de ficar desempregado	27,5%	<b>26,2%</b>
Realizar algum sonho de consumo	23,1%	<b>24,0%</b>
Reforma da casa	13,5%	<b>19,9%</b>
Viagens	25,8%	<b>17,6%</b>
Comprar/quitar casa	14,4%	<b>16,5%</b>
Estudos	21,8%	<b>13,9%</b>
Aposentadoria	16,2%	<b>13,1%</b>
Compra/troca de automóvel/moto	15,3%	<b>12,7%</b>
Compra de móveis / eletrodomésticos	7,0%	<b>10,9%</b>
Garantir uma reserva para arcar com a educação dos filhos	14,8%	<b>10,9%</b>
Abrir um negócio	7,9%	<b>9,7%</b>
Pagamento de impostos	6,1%	<b>8,2%</b>
Outro motivo	7,0%	<b>10,9%</b>

## Mais da metade dos poupadores habituais precisaram usar parte do recurso poupado; despesas extras e dívidas foram os principais motivos

Ter o hábito de poupar é algo valioso. No entanto, o poupador precisa atentar-se também para o lugar em que destina seus recursos. A depender de onde coloque, poderá obter maior ou menor rendimento. Também poderá retirar esses recursos com maior ou menor facilidade. Esses dois aspectos precisam ser levados em conta na hora de escolher a aplicação. A opção de expressivos 27,7% dos entrevistados é por manter o dinheiro guardado na própria casa. Essa é a opção mais líquida, isto é, que mantém o dinheiro mais acessível. O rendimento, porém, é negativo, se considerarmos a inflação. Essa opção também embute o risco da segurança.

O único destino que supera a própria casa é a caderneta de poupança, mencionada por 53,6%. Em seguida, aparecem os fundos de investimento (12,0%); a Previdência Privada (8,2%); o CDB (5,2%); e o Tesouro Direto (4,1%), entre outras modalidades de investimentos. As modalidades menos comuns, como CDB e Tesouro Direto, geralmente oferecem retorno superior ao da caderneta de

poupança. No entanto, essas modalidades exigem mais conhecimento e tempo dos aplicadores, o que implica num esforço de pesquisa. Para fazer a boa escolha, o consumidor precisa ter em vista com que propósito está poupando. Se objetivo é a aposentadoria, por exemplo, o rendimento será uma variável mais importante que a liquidez. Se o objetivo é proteger-se contra imprevistos, a facilidade para sacar a reserva passa a ser requisito importante. Uma vez definido o objetivo, é válido procurar a ajuda de especialistas ou de sites e blogs especializados. Uma recomendação importante é que se evite, nos primeiros passos, opções de investimento que embutem muito risco, como as ações, por exemplo.

Investimentos mais comuns	fev/17	mar/17
Caderneta de poupança	59,4%	<b>53,6%</b>
Em casa	23,1%	<b>27,7%</b>
Fundos de investimento	9,6%	<b>12,0%</b>
Previdência Privada	7,0%	<b>8,2%</b>
CDB	4,8%	<b>5,2%</b>
Tesouro direto	4,8%	<b>4,1%</b>

A pesquisa ainda mostra que, em fevereiro, entre aqueles que constituem reserva financeira, mais da metade (55,4%) fizeram uso dos recursos poupados. Em janeiro, esse número fora de 48,1%. Os principais motivos foram o pagamento de despesas extras (12,4%), pagamento de dívidas (11,6%) e imprevistos (10,9%). É bem verdade que o cenário de crise econômica pelo qual o país atravessa não favorece a formação de reserva financeira. O principal desafio de um grande número de famílias é satisfazer suas necessidades enfrentando o desemprego, o aumento dos preços e a queda da renda. Destaque-se ainda o fato de a renda média do brasileiro ser baixa. Porém, a questão do compromisso em poupar, do controle financeiro e da disciplina também concorrem de forma fundamental para o baixo número de poupadores. Essa realidade reflete-se no alto número de inadimplentes que, de acordo com estimativa do SPC Brasil, está em quase 60 milhões de pessoas.

## Metodologia

A pesquisa abrangeu 12 capitais das cinco regiões brasileira, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Brasília, Goiânia, Manaus e Belém. Juntas, essas cidades somam aproximadamente 80% da população residente nas capitais. A amostra, de 800 casos, foi composta por pessoas com idade superior ou igual a 18 anos, de ambos os sexos e de todas as classes sociais. Os dados foram coletados via web e presencialmente entre os dias 2 a 15 de março de 2017. A margem de erro é de 3,5 pontos percentuais.